

Tatiane Souza de Oliveira 11:06 AM

Eu trabalho num CAPS III e vivenciei isso ontem a noite - com nossa intervenção e apoio de um morador da comunidade, de fato impedimos uma internação e uma situação de violência no território (devido à crise, atores do território queriam agredi-lo para "corrigi-lo"). Usuário está há uma semana morando sozinho e está se desorganizando e com medo, já que nunca morou sozinho.

Ele mostrava-se muito insatisfeito com a instituição, então nos agredia verbalmente. Percebemos q não tínhamos entrada, dessa forma, recuamos e deixamos o morador e a ASG do serviço abordá-lo, inclusive ele conseguiu ofertar a medicação. Ficamos escondidas apoiando até ele estabilizar e foi um sucesso.

História do Leo Sofer novamente me ajudando a entender coisas (quero escutá-la):

O que me pega na minha escolha por continuar persistindo no meu amor pelo D, ainda que a mutualidade às vezes (cada vez menos) pareça ausente,

é quando alguém a quem peço apoio de escuta empática ou pessoas "bem intencionadas" (como a B.) insistem em me rotular como ingênua ou

de vítima. Isso me coloca no lugar de vítima e agride meu poder de escolher, minha agência,

e eu vejo como um desrespeito, como se essas pessoas considerassem que eu não tenho capacidade de discernir entre o que me nutre e o que me despotencializa.

E engajar nessa narrativa de vítima leva quase que imediatamente para um lugar de culpa, como se eu não "devesse" me sentir como eu sinto e, portanto,

não possa "reclamar" quando o fato da mutualidade nem sempre se apresentar pesar para mim. É um convite para que eu ignore o que de mais precioso me

habita, meus sentimentos, o fato de que esse amor me nutre profundamente de alegrias e belezas e aprendizados, que quando a mutualidade se apresenta ela

é muito mais poderosa e significativa, mais verdadeira do que na maioria das relações que eu testemunho.